

Educação é esperança
Apontamentos da intervenção de Davide Proserpi
no encontro de lançamento da campanha Tendas AVSI 2024/25
Milão, 16 de outubro de 2024

Boa noite. Em primeiro lugar, agradeço muito o convite, ainda que não vos esconda algum embaraço por ter de intervir depois dos testemunhos que ouvimos e diante de pessoas como vocês, que vivem “na linha de frente” e com quem sei bem que tenho muito a aprender. Contribuo, no entanto, com prazer, pois o tema que escolheram para a campanha das Tendas deste ano – a esperança – é um tema sobre o qual todo o movimento Comunhão e Libertação está a trabalhar, partindo dos Exercícios da Fraternidade do último mês de abril. Além disso, o Jubileu que está prestes a começar é dedicado precisamente à esperança. Por isso, esta é para mim uma ocasião preciosa para aprofundar o significado da palavra «esperança» hoje, em paralelo com os aspetos concretos dos projetos de que vocês nos falaram.

O Relatório Censis de 2023 usa o termo «sonambulismo» para descrever uma Itália perdida e resignada diante da queda demográfica, da situação económica e dos focos de guerra: a sociedade italiana estaria dedicada a «desejos menores» e «prazeres consoladores» numa «busca pacata», sem vigor. Em relação a uma situação deste género, não podemos limitar-nos a dizer que «vai ficar tudo bem», com aquele otimismo ingénuo que, depois do Covid, já não convence ninguém. Muitas vezes, a dor ou o mal parecem prevalecer, como ficou claro, por exemplo, nos trágicos acontecimentos recentes que marcaram os últimos meses, e em relação aos quais o Movimento se pronunciou com um manifesto de juízo.¹ Mas também a um nível menos dramático, todos notamos que nos afetos, no trabalho ou na política, transparece sempre uma promessa que inicialmente dá um certo impulso, mas que depois parece não se cumprir, levando muitos a retraírem-se. As dificuldades e os limites acabam por nos esmagar, e assim contentamo-nos: a decepção e a tristeza “partem-nos as pernas”, deixam-nos sem esperança.

A história acabaria assim também para nós, se não tivesse acontecido algo humanamente imprevisível. Eu seria o primeiro a não poder estar aqui convosco hoje a falar sobre a esperança, se não tivesse encontrado amigos, uma companhia que me mostrou que a resposta ao nosso desejo profundo existe, mas não é uma ideia a realizar ou uma meta a alcançar: é uma Presença. Tomemos o caso, conhecido de todos aqui, das mulheres do Meeting Point de Kampala: por que é que aquelas mulheres voltaram a tomar os remédios que até o dia anterior atiravam para o lixo, mesmo sendo caríssimos e sendo para elas a única oportunidade para continuarem a viver? Porquê? Porque a Rose

¹ “O mal e o amor que salva”, *clonline.org*, 19 de setembro de 2024.

afirmava o valor da vida delas, e não apenas com palavras, mas, antes de tudo, com o amor gratuito que derramava sobre elas, estando ao lado delas. Aquelas mulheres redescobriram o valor das suas vidas graças a uma presença que lhes testemunhava a certeza de que vale a pena viver, de que existe um sentido e de que esse sentido é bom. O sentido bom é que há alguém para quem é evidente que o facto de estares aqui, o simples facto de existires, é um bem, é um valor; há alguém que é capaz de te amar gratuitamente. É uma coisa do outro mundo que entra neste mundo, no horizonte ordinário da tua vida.

O encontro com este horizonte vasto tem a força de te fazer perceber que esta grandeza é para ti: não só é possível, como é para ti. E então tu comesças a desejar para ti esta grandeza que não possuis, que não está naquilo que tu podes fazer, porque é a grandeza de um olhar de amor que, acima de tudo, *recebes*. Esta é a força de um encontro verdadeiro: é capaz de mudar a vida. Mas, como todos os encontros que têm a pretensão de ampliar o nosso horizonte, esta grandeza exige-nos um sacrifício: desviar o olhar de nós mesmos, como estamos habituados a fazer, em direção a outro.

Como eu referia na introdução dos Exercícios da Fraternidade, sempre entendi as palavras que Jesus dirige ao jovem rico («Vai, vende tudo, deixa tudo e segue-me»²) precisamente como um apelo à esperança, porque muitas vezes o maior obstáculo para experimentarmos uma verdadeira esperança na vida é quando depositamos a nossa esperança naquilo que já possuímos, nas nossas coisas.³

É este o coração do drama – a meu ver – do episódio evangélico: «Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele» e convidou-o a segui-Lo, mas, ante o pedido para que abandonasse os seus bens – isto é, “apostasse tudo” na amizade com Cristo –, o jovem do episódio evangélico «ficou de semblante anuviado e retirou-se pesaroso, pois tinha muitos bens».⁴

Neste sentido, a questão fundamental que se coloca para nós hoje é idêntica à que se colocava para o jovem rico ou para os judeus diante da destruição de Jerusalém nos tempos do profeta Jeremias, que confiavam nas suas próprias forças e não acreditavam nas palavras do profeta.⁵ Estes foram chamados – para retomar as palavras de um livro do teólogo Adrien Candiard (que participou este ano no Meeting de Rímini) – a uma «purificação radical da sua esperança». Da mesma maneira, continua Candiard, «o nosso tempo tem esta missão histórica, difícil e exaltante. Ao contrário de muitos que nos precederam, que podiam ser cegados pelos sucessos da fé, nós já não temos grande escolha entre o desespero perante a catástrofe ou a esperança em Deus. As outras esperanças já não

² Cf. Mt 19,21; Mc 10,21.

³ Cf. D. Proserpi, “Saudação introdutória”. In: G. Paccosi, “*O que me espanta, diz Deus, é a esperança*”, Lisboa 2024, p. 7.

⁴ Mc 10,21-22.

⁵ Jr 26; 37.

fazem sentido. A única promessa que Deus faz a Jeremias não é o triunfo ou o sucesso. É a promessa da sua presença».⁶

A questão resume-se nestes termos: em que é que tu depositas a tua esperança? Onde é que apoias a tua existência? A alternativa radical colocada por Jeremias ao povo hebreu num dos momentos mais difíceis da sua história é a mesma que se coloca para nós hoje: confiar ou não na promessa de Deus, que se fazia presente entre eles por meio do profeta. Devemos decidir se estamos dispostos a apostar *tudo* nessa Presença, que hoje vem nosso encontro e nos chama a abraçá-la na Igreja.

Nós somos culturalmente filhos de uma história que durou séculos, que transformou profundamente a mentalidade do homem e a sua relação com a realidade. Foi precisamente o que vocês, da AVSI, testemunharam quando, diante dos representantes do G7 reunidos na Reggia de Caserta a 1 de outubro, para debater a educação,⁷ apresentaram o depoimento da Priscilla Achan, que é a diretora da Escola Primária Luigi Giussani em Kampala. Filha de uma das mulheres do Meeting Point, a Priscilla contou a todos o que significou para ela a presença dos seus professores depois ficar órfã de ambos os pais: «Os professores da escola Luigi Giussani estavam presentes para me ajudar sempre que eu precisava. Acompanharam-me na descoberta de que, apesar das dificuldades, a vida ainda vale a pena ser vivida. Nunca me senti sozinha, porque estava rodeada de rostos de pessoas que gostavam verdadeiramente de mim e desejavam ver-me feliz».⁸

Então percebemos bem por que precisamos tanto de uma educação. Como disse o Giampaolo Silvestri, quando por sua vez interveio no G7 e depois no *Corriere della Sera*, afirmando que «só a educação é capaz de influenciar o [...] destino» dos jovens, pois «envolve a pessoa na sua totalidade. [...] É esta educação, que se baseia na certeza do poder transformador das relações humanas, a única capaz de gerar, com o tempo, paz e desenvolvimento sustentável para todos».⁹

Concluo, então, insistindo precisamente na conexão profunda entre a educação e a esperança, as duas palavras-chave que vocês, muito oportunamente, escolheram como título das Tendências deste ano. Estamos gratos por isso, porque nos obrigam a todos a focarmo-nos no que Dom Paccosi dizia nos Exercícios da Fraternidade, quando insistiu na necessidade de uma «educação para a esperança», sintetizando-a com estas poucas palavras: «Educar para a esperança significa olhar para Cristo. Não há outra maneira de crescer na esperança», ou seja, «viver a nossa pertença a Cristo dentro desta história que chegou até nós».¹⁰

⁶ A. Candiard, *La speranza non è ottimismo. Note di fiducia per cristiani disorientati*, Verona: EMI, 2021, pp. 60-61.

⁷ G7 eventi, *Investire nell'apprendimento permanente per la creazione di posti di lavoro e la resilienza: un dialogo con l'Africa*, Reggia di Caserta, 1 de outubro de 2024.

⁸ M. Giacomazzi, "Priscilla, Dom Giussani e o G7", *Passos*, n. 270, nov./dez. 2024.

⁹ G. Silvestri, "Il potere trasformativo dell'educazione", *Corriere della Sera*, 2 de outubro de 2024.

¹⁰ G. Paccosi, "O que me espanta, diz Deus, é a esperança", op. cit., pp. 85, 86.

Isto para mim é crucial, não só para a minha vida pessoal, mas para a vida de todo o Movimento, e digo mais: é precisamente este o contributo que nós somos chamados a dar num momento histórico de mudança e de reflexão sobre a natureza e sobre a missão da Igreja no mundo. Pensemos, por exemplo, no Sínodo que decorre em Roma.

A esperança, aquela de que todos precisam, não pode basear-se nas nossas forças ou no cálculo de probabilidades: não é este o significado da expressão giussaniana «ter em conta todos os fatores»,¹¹ que muitos de nós bem conhecem. A esperança, pelo contrário, fundamenta-se *apenas* na presença de Cristo, que vem ao nosso encontro e nos ama, como amou o jovem rico, como amou Pedro mesmo depois da sua traição, como amou Zaqueu ao vê-lo subir ao sicómoro, e como amou a viúva de Naim ao vê-la desesperada pela morte do seu único filho, e como amou aquela mulher que todos queriam apedrejar depois de a terem surpreendido em flagrante adultério. Assim Cristo nos ama hoje, vindo buscar-nos onde quer que estejamos, em Milão, Kampala ou no Líbano, e ama-nos assim como somos, com todas as nossas limitações. Como dizíamos na Jornada de Início de Ano, retomando o episódio da Samaritana: Cristo revela o rosto do Pai, que – precisamente – é Pai, ama-nos. Até àquele momento, Deus era entendido como um mistério inefável, distante, enquanto a encarnação dá início a uma nova história: o rosto amoroso de Deus foi revelado, e o próprio Cristo envolve-nos na sua missão de testemunhá-Lo a todos.

«Para esperar, meu filho, é preciso ser muito feliz, é preciso ter obtido, recebido uma grande graça», escreveu Péguy.¹²

Era o que dizíamos no início dos Exercícios Espirituais de abril e que não devemos deixar de recordar: por essa razão, o título das Tendas deste ano é tão precioso, e fico-vos realmente agradecido por o terem escolhido. De facto, se as coisas se encontram nestes termos, a nossa resposta ao chamamento de Cristo *coincide* com o contributo que podemos dar ao mundo! É o que surge da resposta de *don* Giussani a uma *memor Domini* que, precisamente por ocasião das Tendas de Natal em que tinha participado poucos dias antes, tinha ficado impressionada com o facto de as pessoas que encontrou naquela circunstância terem ficado tocadas por ela porque comunicava uma «afeição», uma «consciência de dependência sem talvez ser capaz de expressá-la em palavras». Giussani respondeu-me assim: «Se alguém apagar, se alguém deixar de recordar, se não conservar presente esta dependência constitutiva do seu eu, o seu eu deixa de ter qualquer base; é apenas uma força de vontade, uma pretensão de vontade, um orgulho que tenta impor-se, mas que não tem conteúdo. [...] Se tu tens consciência do vínculo com o que te faz, ao falar com os outros comunicas esta consciência.

¹¹ Cf. L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Cia. Ilimitada, São Paulo 2007, p. 18.

¹² C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, Paulinas, Lisboa 2013, p. 20.

Portanto, ao falar com os outros, não és tu que falas com eles, és “tu e Outro” que fala com outros. E os outros sentem esta maior densidade da tua presença».¹³

Pois bem: é esta «dependência constitutiva» que dá «maior densidade» à nossa presença, ou seja, que nos torna presença para nós mesmos e para os outros, estabelecendo assim relações humanas capazes de gerar a paz e o desenvolvimento de que o Giampaolo falava. A nossa única originalidade – a *única e verdadeira* “originalidade”, no sentido próprio desta palavra – não é, portanto, o produto de um planeamento astuto, e sim o fruto do vínculo com uma história. Uma história que, no entanto, não está confinada no passado, mas continua e se concretiza no presente numa amizade, numa comunhão vivida. A nós, no fundo, não nos é pedido mais nada senão testemunhar a todos a comunhão que sustenta a nossa própria vida, como fizeram a Priscilla e o Giampaolo em Caserta. O meu desejo é que também as Tendas sejam uma ocasião para este testemunho. Obrigado.

¹³ L. Giussani, *Affezione e dimora*, BUR, Milão 2001, pp. 377-378.